

ENTREVISTA

LÍVIA SUASSUNA (UFPE)

**ALÉM DA FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL,
PROFESSORES SÃO FUNDAMENTAIS PARA A FORMAÇÃO HUMANA**

Em sua abertura, o 5º ESTAGIAR foi contemplado com a palestra da **Profa. Livia Suassuna, do Departamento de Ensino e Currículo do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).**

Antes da volta da palestrante para Recife, a coordenadora do evento, Profa. Cristina Valéria Bulhões Simon, repassou à Profa. Livia o convite feito pela Rádio UEL FM para uma entrevista. Este convite foi prontamente aceito pela convidada; porém, como os procedimentos de retorno já estavam definidos, a entrevista não se fazia possível presencialmente.

Sendo assim, dias depois a Profa. Cristina elaborou as perguntas em áudio e as enviou à Profa. Livia Suassuna, que respondeu no mesmo formato.

Os áudios da entrevista foram apresentados a partir do dia 18 de outubro de 2023 na programação da Rádio UEL FM e posteriormente transcritos pela organização do 5º ESTAGIAR para estes Anais.

CRISTINA SIMON: Professora Livia, a propósito de sua palestra de abertura no 5º ESTAGIAR: “Narrativas de estágio da licenciatura em Letras: evidências da pluralidade do saber docente”, o que a senhora pode nos dizer a respeito do ofício de professor hoje, no Brasil? O que seria, nesse contexto, essa proposta de inserção de profissionais de “notório saber” na educação brasileira?

<https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/notorio-saber-na-educacao-desonera-o-estado-de-sua-responsabilidade/>

LÍVIA SUASSUNA: Vou responder em duas partes porque esta primeira pergunta tem dois aspectos pra gente tratar. Está bom?

Primeiramente, Cristina, eu diria que o ofício de professor tem certas particularidades que inclusive caracterizam o ofício, a profissão. Se eu tivesse que destacar a particularidade principal, eu diria que o ofício docente tem que ser caracterizado por ser uma prática sócio-política, uma prática situada, uma prática comprometida.

Com o que a gente tem que se comprometer em primeiro lugar? É com a garantia do direito de todos à educação básica de qualidade. Então isso é o que nos define. Nós não

somos apenas ministradores de aulas, as mais diversas, mas nós somos profissionais formadores de professores, profissionais que podem garantir que a sociedade construa coletivamente os seus rumos. A gente projeta novas práticas sociais, novos modelos, novas visões de sociedade no humano. É com isso tudo que a nossa prática é comprometida e é por essa razão também que nós não somos apenas ministradores de aulas de diferentes matérias.

Essa é a minha visão de docência. Eu acho que a gente tem que ter uma docência entendida como algo mais amplo do que simplesmente uma ação que se reduz ao ensino e à sala de aula.

Com relação à questão dos professores de notório saber e a inserção destes profissionais nas redes do ensino, eu tenho uma discordância profunda. Exatamente porque eu considero que, dentro das especificidades da docência, têm algumas que dependem de uma formação própria para o exercício da profissão. E – como eu falei um pouco antes sobre a docência como uma prática sociopolítica, situada e comprometida – não basta a gente ter saber, ainda que ele seja notório, sobre um determinado objeto, pra gente ser professor desse objeto. Eu posso saber muita coisa sobre a língua portuguesa. Isso não me transforma automaticamente numa professora e, menos ainda, numa boa professora de Português. Então a gente tem que considerar que o domínio do objeto é uma faceta de uma profissão mais complexa que vai mobilizar diferentes tipos de saberes e competências.

Eu realmente sou contra; aposto numa formação de nível superior. Isso é pactuado entre nós que lutamos pela formação docente de qualidade. Nós queremos que todos os professores do Brasil sejam formados no mínimo num curso de graduação plena, de ensino superior. E essa profissão tem algumas especificidades, é uma formação que tem que ir para além do domínio do conhecimento da disciplina objeto do nosso trabalho.

Acho inclusive que a figura institucional do notório saber tem sido muito mal manipulada e empregada para prejudicar a profissão docente, contribuir para a nossa

desprofissionalização e a nossa desvalorização. Discordo frontalmente e acho que a gente tem que apostar na formação inicial e continuada de qualidade, a partir desse conceito ampliado de docência que eu defendi um pouco antes.

CRISTINA SIMON: Faz parte das licenciaturas a etapa denominada “estágio curricular obrigatório”. Em que consiste esse momento? Qual a sua importância na formação do professor?

LÍVIA SUASSUNA: A etapa do estágio é uma etapa muitíssimo importante da formação de qualquer profissional. No caso da docência, o estágio, que por lei deve começar a partir da segunda metade do curso, [e] não [deve] mais acontecer somente no final como era antes – no modelo que a gente chama de formação “três mais um”: três anos de bacharelado mais um de licenciatura – a gente não defende mais esse formato. A gente defende uma formação específica para a docência desde o começo do curso, com os componentes curriculares relativos à formação pedagógica distribuídos ao longo do curso e o estágio ocorrendo a partir da segunda metade do curso.

A grande importância do estágio – todos os componentes curriculares do curso, afinal são importantes para a formação, se não estavam ali na matriz curricular do curso, mas eu entendo, Cristina, que o estágio ele tem uma característica muito interessante. Primeiro que ele só pode se dar no campo. A gente explica muito aos alunos aqui na UFPE, que é a universidade a qual pertence, que uma gestante por exemplo não pode ter direito a um acompanhamento especial, quando ela estiver de licença maternidade, fazendo alguma atividade que substitua o estágio. Nada substitui o estágio! Ou ele é realizado no campo de estágio, que no caso da gente é a escola, ou ele não é realizado. Não tem nenhuma atividade acadêmica e nenhum componente curricular, que possa equivaler ao estágio. E qual é esse traço que deixa o estágio tão singularizado? É aquele momento da vivência na prática de uma atuação supervisionada no campo de atuação profissional, quando o aluno já estiver formado. E é um momento que a gente chama de síntese, de articulação e de mobilização dos diversos saberes necessários à nossa

formação e atuação. Um professor tem que saber muitas coisas para ser professor. Ele tem que dominar saberes de diversas ordens e ele tem que articular e mobilizar. O estágio vai exigir que ele faça isso, mais do que qualquer outro componente curricular, daí a sua importância, na minha avaliação. É um momento realmente singular e de uma riqueza incalculável para essa formação.

CRISTINA SIMON: De que modo os relatórios dos estagiários nos fazem entender o processo de formação de um professor?

LÍVIA SUASSUNA: Cristina, eu costumo dizer que eu sou apaixonada pelos relatórios dos alunos. Eles são muito demorados para a gente ler, são muito trabalhosos para os licenciandos elaborarem, mas eles são narrativas muito ricas, com muitos detalhes, com a revelação de muitas vivências, sentimentos, descobertas, crises... Então, eles têm um poder explicativo da realidade vivida e eles têm uma potencialidade para permitir que o licenciando volte à sua prática realizada na escola refletindo sobre ela. Isso é fundamental no exercício da docência. Eu acho que o relatório garante ao licenciando essa oportunidade: de viver as experiências na escola, voltar a elas narrando-as e voltar a elas refletindo sobre elas, para formar o que a gente chama de professor reflexivo. Então, têm muitas informações no relatório, muitos sentimentos, muitas impressões, que fazem parte desse conjunto bem complexo de reflexões que o licenciando precisa fazer no seu estágio e posteriormente, quando ele for profissional, ele tem que ter essa habilidade muito desenvolvida para fazer uma reflexão permanente sobre sua prática. Então, eles têm essa potência, eles são muito ilustrativos, eles também trazem as singularidades das vivências de cada um. Além dos relatórios, a gente usa outras estratégias para que os alunos narrem, comentem suas experiências, revelem suas aprendizagens, mas os relatórios são um instrumento privilegiado na minha concepção. Por isso que, desde que eu entrei na UFPE, em 1997, eu nunca deixei de cobrar relatórios como instrumentos avaliativos dessas experiências de estágio. São realmente discursos muito ricos, com muitos indícios das aprendizagens, dos processos vividos, das descobertas sobre a docência e eu realmente me encanto muito lendo os relatórios. Gosto

muito, como ferramenta de avaliação das aprendizagens e como registro das experiências vividas, eu acho o relatório um discurso indispensável na formação docente. Eu gosto muito, particularmente como professora de estágio do curso de Letras da UFPE.

CRISTINA SIMON: Um evento como o ESTAGIAR se propõe a discutir o estágio curricular, dando voz aos estagiários. Qual a sua opinião sobre esses espaços acadêmicos de discussão?

LÍVIA SUASSUNA: Professora Cristina, eu sempre digo aos meus alunos e alunas que a universidade tem muito, muito mesmo a oferecer a todos eles e todas elas. Além das aulas e para além das aulas – muito além das aulas –, nós temos inúmeros espaços acadêmicos. São todos eles espaços formativos, espaços de crítica, de conhecimento, de socialização, de aprofundamento teórico, de valorização e produção da ciência. Então, por essa razão, no dia da abertura do evento, que eu tive o privilégio de abrir com a minha palestra, eu cumprimentei vocês, e cumprimento novamente agora, pela realização do ESTAGIAR. Eu entendo que ele é um espaço que vocês conseguiram construir como um espaço dessa natureza: um espaço acadêmico, que é formativo, e nesse espaço o licenciando é um protagonista, ele tem muito a trazer das suas experiências, das suas aprendizagens, das suas revisões teóricas, do seu diálogo com a ciência no enfrentamento da formação profissional, na vivência dessa formação profissional. Então, é um evento privilegiado, que vocês já conseguiram inclusive situar bem dentro do projeto pedagógico do curso de Letras de vocês. Eu senti realmente um orgulho e sou muito grata por ter sido convidada para fazer essa palestra de abertura num evento que tem toda essa importância. Acho que inclusive esses espaços formativos contribuem para o que a gente chama de letramento acadêmico, o letramento acadêmico não é apenas aprender a escrever e ler o texto acadêmico, mas é um processo formativo de inserção dos sujeitos da academia nas práticas da academia, nas práticas universitárias, nas práticas acadêmicas. Então, isso vai exigir dos nossos licenciandos muito mais que escrever e ler e aprender ciência, há todo um processo formativo que vai sendo vivenciado e vai sendo enriquecido por essas práticas acadêmicas diversas, todas

elas são formativas, todas elas são educativas, todas elas são avaliativas, então, realmente eu acho um privilégio os alunos da UEL poderem ter esse espaço a mais dentro da sua formação. Uma beleza!

CRISTINA SIMON: Alguns números vêm mostrando que, a cada ano, as licenciaturas têm sido menos procuradas. A que a senhora atribui esse fenômeno?

LÍVIA SUASSUNA: Não é novidade, professora Cristina, que os docentes são vistos como pessoas perigosas, questionadoras, problematizadoras, então é muito comum que, nas relações de poder, nas correlações de poder, melhor dizendo, a gente seja visto como um grupo perigoso que é preciso calar. Historicamente, os professores passam por momentos de perseguição. Nós vivemos isso recentemente, nos últimos quatro anos do governo Bolsonaro. Nós estivemos sob ataque permanente, professores de todos os níveis: a universidade, as escolas têm sido um espaço também em que se perpetra muita violência.

Além disso, além de uma perseguição ideológica, de um ataque permanente, do ponto de vista ideológico, a gente – não é à toa que isso vem junto – também tem que enfrentar dois processos muito graves, que são a desvalorização e a desprofissionalização, que são processos que andam de mãos dadas e que, juntos, esvaziam a profissão de sentido.

A gente tem que fazer todo um trabalho de formação e de exercício profissional que leve a sociedade a acreditar que ela não pode viver sem nós: professores e professoras. Nós somos fundamentais não só para a formação escolar e profissional, mas nós somos fundamentais para a formação humana. É assim que temos que ser vistos. E para isso nós temos saberes específicos que compõem uma profissão. Então, a defesa da profissionalidade docente, a insistência no discurso de que há saberes específicos que a gente precisa desenvolver para exercer essa profissão, tem que se manter. A gente tem que repetir muito esse discurso para que a sociedade se convença de que não é qualquer um que pode dar uma aula de coisa nenhuma.

Não se pode fazer isso. Não se pode banalizar esta profissão. Não se pode achar que qualquer um outro poderá saber fazer o que a gente é destinado a fazer. A gente é designado inclusive pela sociedade para fazer isso. Então, eu sou pela defesa da profissionalidade docente. Nós temos uma identidade profissional que tem que ser preservada, buscada. A gente tem que lutar por ela, porque é um tripé importante: a identidade, a profissionalidade e a valorização docente. A gente tem que lutar por isso e reafirmar esse tripé no exercício da nossa profissão.

Gostaria de dizer que até entendo por que é que as licenciaturas não vêm sendo muito procuradas: baixa remuneração, condições muito difíceis de trabalho, enfrentamento de situações de violência dentro das escolas. Mas, apesar disso, eu gostaria de reafirmar minha alegria com a docência, com a formação de professores. E sempre, em todos os espaços em que eu chego, em que a formação docente é o tema, eu parablenizo quem ainda insiste em querer ser professor. Eu acho que são pessoas de muito valor, que querem fazer isso. E quero dizer aos meus alunos – e sempre procuro fazer isso em qualquer outro espaço além da UFPE – que essa profissão nossa é muito, muito importante. Ela é muito valorosa, ela nos dá muitas alegrias, apesar das muitas dificuldades que a gente enfrenta, e o enfrentamento das dificuldades é parte da nossa luta, da nossa construção identitária e profissional. É isso que eu tenho para dizer para eles. Vamos brigar, vamos matar os nossos leões que estão aí para a gente matar todo dia, mas vai ser muito bom. Poderá ser muito bom.

CRISTINA SIMON: Saindo um pouco do profissional e enveredando no pessoal: professora Livia, conte-nos um pouco sobre como é ter sido sobrinha do grande Ariano Suassuna, patrimônio da cultura brasileira?

LÍVIA SUASSUNA: Cristina, o tio Ariano era o meu tio caçula, dos irmãos do meu pai, e ele morava perto do meu pai. Ele teve seis filhos, meu pai teve cinco, contando comigo. Nós morávamos perto, nós veraneamos muitos anos num mesmo conjunto residencial,

na praia de Candeias aqui, que fica no município de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife. Então, ele foi um tio com quem eu convivi muito, convivi com ele, com a tia Zélia, a esposa dele, com os filhos dele todos. Era um vaivém de menino para a escola, para o curso de inglês. Nas férias, nos quintais das casas, a casa de tio Ariano – que existe até hoje – é uma casa cheia de fruteiras, na do meu pai era assim também, então a gente ia para lá comer jabuticaba, os de lá vinham para cá para a gente comer jambo, e era sempre uma coisa muito alegre.

Tio Ariano sempre foi uma pessoa muito bem-humorada, de uma cultura humanística impressionante, então era muito bom vê-lo conversar, contar histórias, dialogar com os meus pais, nos contar coisas engraçadas. Então, ele é um tio que participou efetivamente da minha formação, era genioso, amoroso, tinha uma fé na humanidade muito bonita, muito profunda e, fora isso tudo, ele foi meu professor na Universidade, na disciplina de Estética, porque era uma disciplina que todos os cursos do Centro de Artes e Comunicação, entre os quais estava o curso de Letras, tinham que cursar, todos os alunos desses cursos: Letras, Arquitetura, Comunicação Visual, Biblioteconomia, Artes Visuais, Música, Teatro, todos esses cursos, alguns eram licenciaturas, tinham que ter no primeiro ano uma disciplina de Estética, de Introdução à Arte e de História da Arte. Todos nós cursávamos isso.

Tio Ariano foi professor de Estética e de História da Arte no Centro de Artes e Comunicação da Universidade, embora a lotação original dele fosse no Departamento de História. Ele dava muitas aulas a todo mundo, ele circulava muito na Universidade. Era muito admirado, muito querido, as aulas eram muito bonitas, profundas, divertidas, com muitas referências culturais. Então, ele realmente tem um lugar bem guardadinho aqui no meu coração, como tio e como ex-professor, e como alguém que realmente teve um papel e teve uma importância na minha formação humana, profissional, afetiva. Eu tenho enorme carinho por ele, pelos meus primos, filhos dele, pela minha tia Zélia, que ainda está viva, está fazendo agora em julho 92 anos, lúcida, muito cheia de netos e bisnetos. Ele também expressou muito amor dele por tia Zélia, eu acho isso sempre muito bonito.

E a gente estava até brincando, outro dia, aqui na UFPE, que Ariano Suassuna foi um decolonial, muito antes da gente ver as conversas teóricas atuais sobre a decolonialidade. De algum modo, ele deu essa contribuição para a gente pensar outros eixos epistêmicos, pensar outras possibilidades culturais, pensar nesses mecanismos de dominação cultural, que ele sempre criticou. Então, uma pequena entrevista de áudio é muito pouco para falar dele, mas o que eu poderia destacar, neste curto espaço de tempo, é isto, Cristina: um tio muito amado, muito querido e muito importante; terei sempre ele aqui no meu coração, na minha memória, na minha lembrança.